

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Departamento de Economia

Monografia de Final de Curso

Brasil Fragmentado

Um estudo sobre as tendências de polarização política-ideológica na sociedade brasileira

Luana Marques de Montenegro Corrêa
Matrícula: 1211059

Orientador: Claudio Ferraz

Rio de Janeiro, Novembro 2017

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Departamento de Economia

Monografia de Final de Curso

Brasil Fragmentado

Um estudo sobre as tendências de polarização política-ideológica na sociedade brasileira

Luana Marques de Montenegro Corrêa
Matrícula: 1211059

Orientador: Claudio Ferraz

Rio de Janeiro, Novembro 2017

Declaro que o presente trabalho é de minha autoria e que não recorri para realizá-lo, a nenhuma forma de ajuda externa, exceto quando autorizado pelo professor tutor.

As opiniões expressas neste trabalho são de responsabilidade única e exclusiva do autor.

Agradecimentos

Obrigado à minha mãe pelo apoio e paciência, pelos insights sobre a Esquerda brasileira que me ajudaram a entender mais sobre os acontecimentos políticos do meu país e me incentivaram a tentar entender mais como a opinião pública política está distribuída.

Agradeço ao meu orientado Claudio Ferraz por me ajudar com a dificuldade encontrada de trabalhar com o banco de dados para dar forma a essa monografia. Além disso obrigada por estar disponível para minhas dúvidas e pela paciência.

Agradeço ao meu amigo Felipe, pela compreensão e pelos ótimos conselhos de estruturação da monografia, e opiniões em gerais sobre o tema, obrigado.

Por fim, agradeço a minha amiga Letícia por ouvir meus resultados e descobertas e discutir o tema comigo, apresentando um insight legislativo das situações políticas. Obrigada.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	7
2. CONTEXTUALIZAÇÃO.....	11
2.1 A TEORIA DA POLARIZAÇÃO.....	11
2.1.1 <i>Dispersão</i>	11
2.1.2 <i>Bimodalidade</i>	12
2.1.3 <i>Restrição</i>	12
2.1.4 <i>Consolidação</i>	12
3. DADOS	14
4. METODOLOGIA	19
5. RESULTADOS	22
5.1 AUTO IDENTIFICAÇÃO POLÍTICA	22
5.2 DIFERENÇA DE OPINIÕES ENTRE GRUPOS.....	24
6. CONCLUSÃO	28
7. REFERÊNCIAS.....	30

Lista de Gráficos e Tabelas

GRÁFICO 1 – ÍNDICE DE APROVAÇÃO PRESIDENCIAL NO BRASIL	9
GRÁFICO 2 – PROPORÇÃO DE INDIVÍDUOS POR REGIÃO	17
GRÁFICO 3 – PROPORÇÃO DE INDIVÍDUOS POR GÊNERO	17
TABELA 1 – IDENTIFICAÇÃO POLÍTICA MÉDIA, TAMANHO DA AMOSTRA E DESVIO PADRÃO POR ANO	18
GRÁFICO 4 – GRUPOS DE AUTO IDENTIFICAÇÃO POLÍTICA	22
GRÁFICO 5 – GRUPOS POLÍTICOS	24
GRÁFICO 6 – GRÁFICOS DE OPINIÕES POLÍTICAS IDEOLÓGICAS.....	25
GRÁFICO 7 – FREQUÊNCIA DE ESCALA POLÍTICA ESQUERDA (1) – DIREITA (10)	26

1. Introdução

Em 2013 o Brasil foi tomado por protestos que uniram os cidadãos por uma causa, contra o aumento da passagem do ônibus. A sequência de protestos, que tomaram grandes proporções, levou para rua não só cidadãos insatisfeitos com a causa principal, mas também quem queria deixar claro insatisfações com o governo vigente, principalmente quanto a qualidade da saúde e educação (Aguilar e Ferraz, 2014).

Já em 2014 foi iniciada a maior operação contra corrupção do país. A Operação Lava Jato contou com 47 fases operacionais durante as quais mais de 100 pessoas foram presas e condenadas por crimes de gestão fraudulenta, organização criminosa, corrupção ativa e passiva, entre outros. Essa operação policial, encontrou evidências contra diversos políticos do governo vigente, inclusive o suposto envolvimento da então presidenta da república Dilma Rousseff no escândalo de corrupção da estatal Petrobras. Foi nesse mesmo ano que a presidenta se lançou em sua segunda corrida presidencial contra Aécio Neves (PSDB), carregando tais acusações e problemas econômicos associados ao seu mandato anterior. Manifestações de opinião partidária nessa época, começaram a mostrar a realidade de um país dividido.

Paralelamente a Lava Jato, o então presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha aceitou a denúncia por crimes de responsabilidade à presidenta Dilma abrindo o processo para seu *impeachment* no final de 2015.

A partir de então novos protestos ecoaram em todo o país a favor e contra o *impeachment*, além de outros diversos episódios de revolta e descontentamento com a presidenta ou em apoio a ela. Exemplos desses acontecimentos contra a ela, feitos principalmente pela Direita, foram a vaia à presidenta na abertura da Copa do Mundo, os “panelaços” nas janelas quando ela se pronunciava em rede nacional, entre outros. A Esquerda mostrou o apoio a presidenta com manifestações nas ruas, pronunciamentos e shows de artistas famosos a favor da democracia, entre outros.

O resultado de que a presidenta Dilma teria seu mandato caçado e seria substituída pelo seu vice-presidente e atual presidente da república Michel Temer veio em Agosto de 2016, depois de 3 meses em processo de tramitação iniciado no Senado. Após o resultado a Esquerda e a Direita brasileira que já se encontravam divergentes, continuaram e continuam,

até os dias de hoje, discordando sobre a sequência de acontecimentos que culminou no *impeachment*, e sobre a legitimidade do atual governo Temer.

A situação iniciada nas eleições de 2014 e fomentada com o *impeachment* criou grupos que, comparando com a cultura futebolista do Brasil, torcem fervorosamente pelo seu time “Esquerda” ou “Direita” e tratam o outro como inimigo. Como resultado a esse ambiente competitivo abriu-se um espaço para mais que discussões fervorosas, mas para demonstrações de violência, além do desenvolvimento de discursos de ódio pelos dois lados. Nessa época as mídias sociais se viram como principal meio de disseminação desse discurso.

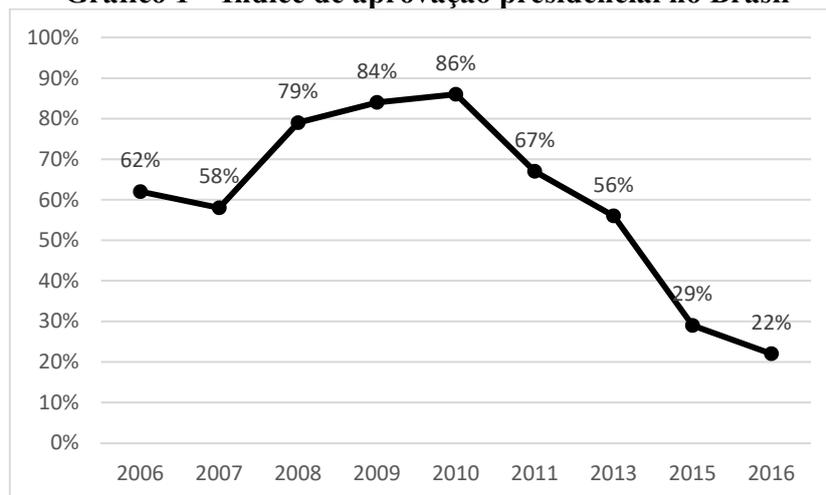
No mundo acadêmico, diversos trabalhos relacionam acontecimentos no âmbito político e econômico com reflexos no quanto a sociedade se encontra polarizada. Esse é o caso dos resultados de estudos feitos sobre a Europa e os Estados Unidos que relacionam a polarização especificamente com crises financeiras. No artigo “*Politics in the Slump: Polarization and Extremism after Financial Crises, 1870-2014*” os autores Funke, Schularick e Trebesch (2015) encontram que crises financeiras reduzem o nível de governo e aumenta a polarização, criando um ambiente de incerteza política. Além disso os autores encontram que os eleitores se tornam mais extremos além de fragmentados, evidência reafirmada em outros trabalhos (Mian, Sufi, e Trebbi, 2014), e que a falta de consensus político dificulta a formulação de reformas para combater a crise. Assim, no geral, evidências acadêmicas apontam que polarização está fortemente relacionada com a falta de confiança no governo federal (King, 1997), seja polarização gerando incerteza, seja incerteza gerando polarização.

De acordo com o Informe de 2016 feito pela Corporação Latinobarómetro a América Latina está de fato passando, atualmente, por uma época de grande desconfiança e desaprovação do governo. Dos 18 países analisados pelo relatório do ano de 2016, apenas 4 tem o seu índice de aprovação presidencial acima de 50%, sendo o primeiro colocado a República Dominicana com um índice de aprovação de 76%. O Brasil se encontra no final da lista, com uma aprovação presidencial de 22%, melhor apenas que a Venezuela com 20% e o Peru com 19%, junto a outros 3 países que apresentaram menos de um terço de aprovação.

Como podemos observar no Gráfico 1 desde 2010 o índice de aprovação tem gradualmente declinado, com a maior variação entre 2013 e 2015, época do processo de *impeachment*. Esse gráfico nos mostra também que a saída da presidenta Dilma do governo

não foi um *turning point* para o índice de aprovação, uma vez que em 2016 o índice foi ainda menor que nos anos anteriores, chegando ao seu valor mínimo em 10 anos. De acordo com o mesmo relatório, os índices atuais se assemelham aos níveis de 2002 e 2003 quando a América Latina vinha saindo da Crise Asiática.

Gráfico 1 – Índice de aprovação presidencial no Brasil



Os anos de alta aprovação evidenciados no gráfico entre 2008 e 2010 foram a época do “hiperpresidencialismo” na América Latina em que 6 dos presidentes tinham um apoio maior que 70% e apenas 2 países apresentavam um índice de menor que um terço de aprovação. No entanto, a realidade mudou para países como o Brasil, que teve seu índice de aprovação reduzido a quase um quarto do que foi em 2010. Esse fato deixa evidente que o cenário do país é de incerteza e instabilidade, ambiente propício para a formação de uma sociedade polarizada.

Essa monografia se viu motivada por essa realidade aparente de um Brasil incerto e dividido entre uma Esquerda e Direita que diverge não só em opiniões sobre política como também em diversos outros assuntos. A pergunta feita aqui é se o Brasil se encontra polarizado política e ideologicamente como as notícias dos jornais e os acontecimentos no dia a dia dos brasileiros demonstra estar.

Vale ressaltar, que não iremos analisar se as causas da polarização, caso existente, foram os acontecimentos políticos que marcaram a realidade brasileira, não só nesses últimos 4 anos, mas desde o início do nosso estudo em 2006. O objetivo dessa monografia é analisar

os dados que poderiam medir e evidenciar uma realidade polarizada, não buscar a causa de tal realidade.

O restante desse estudo está dividido em mais 5 capítulos além da introdução. O capítulo 2 irá tratar de uma contextualização teórica sobre o que é polarização e da definição que iremos usar para identificação de um ambiente polarizado. O capítulo 3 expõe os dados que serão usados e como foram obtidos. O capítulo 4 descreve a metodologia das duas formas usadas para medir polarização. O capítulo 5 trata dos resultados após o estudo dos dados com a aplicação das metodologias de mensuração. Por fim, o capítulo 6 descreve as conclusões sobre polarização no Brasil visto os resultados encontrados no capítulo 5.

2. Contextualização

A literatura até então pouco concorda em uma definição única para polarização e, por isso, podemos observar diferentes resultados até quando olhamos para o mesmo grupo de dados. Porém alguns autores estabeleceram linhas gerais para guiar seus estudos sobre o assunto e aqui iremos falar sobre algumas dessas diretrizes.

Para analisarmos o grau de polarização precisamos ser capazes de medi-lo, e para tal precisamos definir o que é polarização (Dimaggio, Evans e Bryson, 1996). Assim, esse capítulo será responsável por delimitar como trataremos polarização e como, portanto, a situação será evidenciada empiricamente.

2.1 A Teoria da polarização

No artigo *Have American's Social Attitudes Become More Polarized?* (Dimaggio, Evans e Bryson, 1996) os autores definem polarização ideológica como mais que as atitudes resultantes de um conflito de opiniões, afirmando que o termo se refere principalmente a extensão da distância entre duas opiniões conflitantes. Além disso, afirmam que polarização pode ser descrita como um *estado*, quando se refere ao quanto opiniões sobre um assunto são opostas em relação a um máximo teórico, ou um *processo* quando se refere ao crescimento dessa oposição ao longo do tempo. Aqui, eles também caracterizam polarização como estática ou dinâmica, em relação ao tempo.

Nesse mesmo artigo os autores descrevem polarização ideológica como uma característica multidimensional, que contém 4 dimensões; Dispersão, Bimodalidade, Restrição e Consolidação. Cada uma de suas dimensões é descrita por um princípio que fornecem intuições sobre a opinião agregada e podem servir como fundamentos para uma possível medida de polarização.

2.1.1 Dispersão

O princípio de dispersão diz que, se tudo mais constante, quanto mais dispersas são as opiniões mais difícil será para o sistema político estabelecer e manter um consenso centralizado. Ou seja, a opinião pública é polarizada quando as opiniões se diferem em

conteúdo e são balanceadas relativamente entre os fins de uma escala de opinião. Uma medida natural para esse fator é a variância. Ela mede o quanto dois indivíduos aleatoriamente selecionados têm probabilidade de ter opiniões diferentes, além de afetar a proporção de respostas extremistas. Quanto maior a variância, mais polarizadas são as opiniões.

2.1.2 Bimodalidade

O princípio de bimodalidade diz que, se tudo mais constante, quanto maior se torna a distância entre as opiniões, ou seja, quanto mais elas tendem a serem direcionadas a módulos dispersos, mais provável a insurgência de conflitos sociais. Assim, a opinião pública é polarizada quando as pessoas que tomam posições distintas se juntam em 2 módulos e poucos são os indivíduos que se encontram no meio. Aqui a bimodalidade é medida pela curtose. Se a distribuição tem picos, revelando um alto nível de consenso, a curtose é positiva. Caso contrário, a distribuição normal é mais plana e curtose é negativa. No caso da bimodalidade a curtose se aproxima de -2.

2.1.3 Restrição

O princípio de restrição diz que, se tudo mais constante, quanto mais associadas se tornam as diferentes atitudes sociais (dentro e entre domínios de opinião) maior é a probabilidade de ocorrência de um conflito social. Por restrição estamos nos referindo a quanto a opinião sobre um item, em um conjunto de temas, está associada com a opinião em outro item. Essa dimensão pode ser um indicador de coesão ideológica, ou seja, a opinião sobre um assunto pode servir para prever a posição em outro, através de uma lógica pré-determinada. Essa dimensão pode ser medida pelo Alpha de Cronbach, que normalmente é utilizado para medir escala de confiança, mas aqui representa o grau de associação. Se há polarização divergindo as pessoas entre dois campos opostos o alpha aumenta.

2.1.4 Consolidação

O princípio da consolidação diz que, se tudo mais constante, quanto mais uma atitude social se torna correlacionada com características individuais, mais provável é que ela se torne

motivação para um conflito político. Como visto anteriormente, polarização ideológica seria a diferença entre respostas por membros de grupos definidos por uma base nominal ou gradual de parâmetros. Assim, quanto maior a diferença entre esses indicadores determinísticos, maior é o grau de polarização entre dois grupos. Nesse caso podemos medir polarização entre-grupos pela diferença de média obtida na análise das escolhas feitas pelos membros dos grupos ao longo do tempo. Ao adicionamos a análise da mudança de curtose, em cada grupo, ao longo do tempo, podemos medir polarização intra-grupal.

Porém, no artigo *On the Measurement of Polarization* os autores destacam que, dada uma distribuição de um conjunto de características, uma sociedade é polarizada quando seus indivíduos fazem parte de grupos, com um número significativo de membros, onde eles possuem atributos semelhantes entre si. Porém, entre grupos distintos, os membros apresentam atributos não similares (Esteban e Ray, 1994). Assim, polarização ocorrerá quando uma sociedade possuir uma distribuição populacional caracterizada por vários grupos com significativa *heterogeneidade* de opiniões entre grupos e *homogeneidade* das mesmas dentro dos grupos (Roy, Wu e Chandra, 2015). Logo, para esses autores, em uma sociedade polarizada os indivíduos similares se reconhecem e os diferentes se segregam, resultando em uma sociedade separada por grupos de tamanho proporcional à intensidade e dualidade do assunto em questão.

Esse último é mais condizente com a opinião pública contida na literatura comum, que vê polarização de opiniões como respostas ou atitudes diferenciadas por membros de grupos que são definidos por parâmetros nominais (como gênero, raça, ocupação) ou graduais (como idade, renda, escolaridade) (Page and Shapiro, 1992).

São essas definições que servem para diferenciar a polarização ideológica de outros tipos de polarização como, por exemplo, a causada por estratos de níveis de renda e desigualdade (“Inequality Polarization”) (Esteban e Ray, 1994).

Nessa monografia trataremos polarização com um processo, que possui um fator dinâmico a ser medido ao longo do tempo, e teremos uma sociedade polarizada caso seja heterogênea entre grupos (de opinião) e homogênea intra grupos, regida pelos princípios de suas 4 dimensões.

3. Dados

O principal banco de dados utilizado nessa monográfica é composto pelas respostas do Projeto de Opinião Pública da América Latina ou LAPOP patrocinado pela Vanderbilt University, que tem como objetivo avaliar os valores democráticos dos países das Américas. Esses valores são captados pelo questionário AmericasBarometer, responsável por cobrir opinião pública e comportamento democrático. Ele busca analisar a cultura política da

democracia ao abordar temas como crime, corrupção, capital social, governos locais, comportamento de voto e posições sobre a democracia em si.

A direção deste questionário é uma das atividades do LAPOP e para suas medidas ele usa amostras de probabilidade natural composta por eleitores adultos. A primeira rodada de questionários foi conduzida em 2004 composta de 11 países participantes, da qual o Brasil não fez parte. Em 2006, na segunda rodada, já eram 22 países e incluía indivíduos de todas as Américas (América do Norte, Central, do Sul e o Caribe). Em 2016, a última rodada feita inclui 29 países e 43,454 entrevistados. O Bando Interamericano de Desenvolvimento (IDB) é uma das entidades patrocinadoras do AmericasBarometer.

A forma de conduzir os questionários variou de país para país entre a condução online (Estados Unidos e Canadá apenas em 2016) e entrevistas cara a cara (restante dos países ao longo dos anos). O questionário usa um design amostral complexo levando em considerações estratificação, ponderação e *clustering*. Especificamente, é usado um design de probabilidade em multiestágios, e as amostras são estratificadas pelas 5 maiores regiões do país: Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul, que por sua vez são sub estratificadas em municípios. O LAPOP usou uma técnica de *frequency matching* que permite ser possível conseguir uma amostra com uma distribuição de idade e gênero similar ao Census nacional ou às listas de registro eleitoral.

No Brasil, o questionário é conduzido entre Março e Abril do ano-rodada com entrevistas realizadas cara a cara. No total já foram realizadas no país 6 rodadas. A primeira rodada foi a conduzida em 2006/2007, coordenada pela Universidade Federal de Goiás, com uma amostra de N=1214 indivíduos. A rodada de 2008 por sua vez foi conduzida pela Vanderbilt University e a Universidade de Brasília e teve uma amostra de 1497 indivíduos entrevistados, com 178 unidades amostrais finais que representam 21 dos 27 estados, incluindo Brasília. A rodada de 2010 possui um N=2482 com 178 unidades amostrais finais incluindo 17 dos 27 estados do Brasil.

A partir de 2012 o tamanho amostral passou a ser padronizado para N=1500 e a forma de representar os municípios no design da metodologia foi modificado para fins de melhor precisão e adaptação às mudanças populacionais reveladas pelo Census. Antes de 2012 o município era “capturado” através de um ponto amostral, que poderia ser localizado ou em

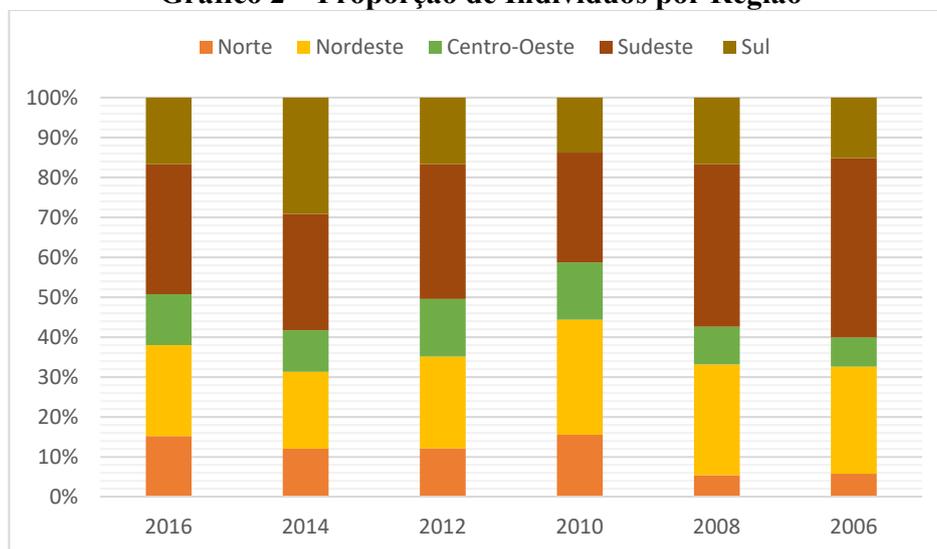
uma área urbana ou em uma área rural, mas com o novo design foi possível que a amostra fosse representativa em nível municipal. A mudança teve como consequência a redução da variância e a criação de uma base para análises multi-níveis (municipal, estadual, regional e federal). Em 2014 e 2016/2017 o método utilizado foi o mesmo de 2012 com o tamanho amostra padronizado e sub estratificações feitas por tamanho do município e por áreas rurais e urbanas.

A principal informação capturada do questionário foi a identificação política dos indivíduos. Eles foram pedidos para escolher um número em uma escala de 1-10 em que 1 representa a “Esquerda” e 10 representa a “Direita” que resumisse sua preferência política. Esse dado será usado para observarmos as variações no tamanho desses grupos políticos ao longo dos anos estudados e as diferenças ideológicas entre grupos com perguntas focais.

Além da identificação política auto determinada os outros dados que vamos usar serão as respostas à perguntas que abordam temas polêmicos da esfera pública como a opinião sobre a democracia como sistema de governo, entre outras que serão descritas com detalhadamente mais adiante. Essas perguntas e suas respostas também serão analisadas durante os anos das 6 rodadas feitas no país.

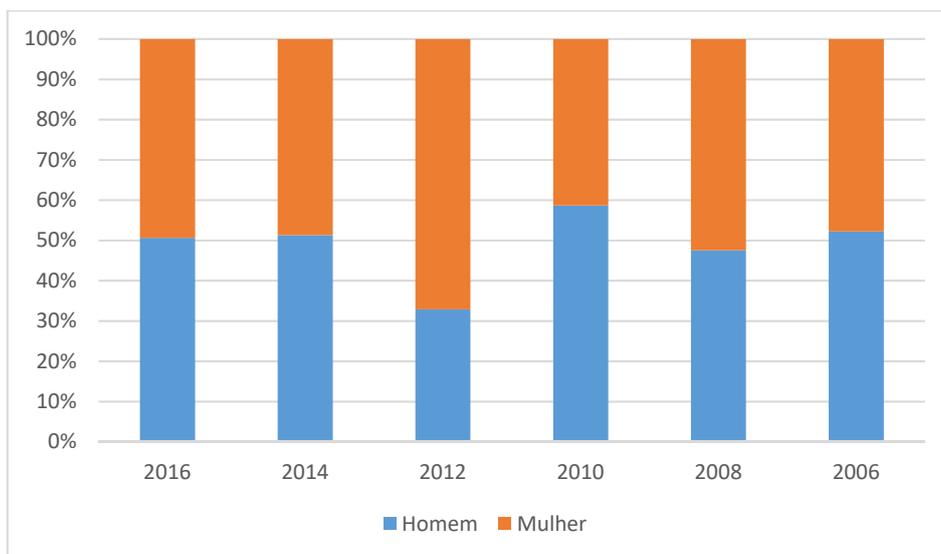
Para melhor entender como a amostra está distribuída foram construídas tabelas para medir a proporção dos indivíduos, por gênero e região, presentes na amostra de cada ano. As tabelas foram feitas a partir de uma base de dados que consiste nas respostas dos 6 questionários aplicados no país. Foram descartados da amostra os indivíduos que apresentaram respostas inválidas para a pergunta de escala política, ou seja, os indivíduos que responderam que não sabiam se identificar politicamente ou que não responderam.

Os primeiros dados estatísticos resumidos da amostra são expostos no Gráfico 1. Nesse gráfico vemos que a maioria dos indivíduos entrevistados são da região Sudeste ao longo dos anos. Porém, em 2014 a proporção de indivíduos do Sul, e em 2010 a proporção dos indivíduos do Nordeste, se aproximam da proporção do Sudeste. O Centro Oeste foi ganhando lugar na amostra com os anos, passando para mais de 10% da amostra em 2016. O Norte também passou a ser mais representado a partir de 2010, chegando a aproximadamente 15% da amostra em 2016.

Gráfico 2 – Proporção de Indivíduos por Região

Já na divisão por gênero temos o Gráfico 3. Nesse gráfico conseguimos observar que nas primeiras e nas últimas duas rodadas aparentemente a amostra parece bem distribuída quanto a proporção de indivíduos do sexo feminino e do sexo masculino. Porém em 2012 e em 2010 há um desequilíbrio, apresentando no primeiro uma maioria de indivíduos do sexo feminino, e no segundo, uma maioria do sexo masculino.

Gráfico 3 – Proporção de Indivíduos por Gênero



Por fim foi feita uma análise para observar, dentre os indivíduos que possuíam respostas válidas, qual foi a posição média de cada ano. Como observamos na Tabela 3 a posição média variou entre 5 e 6 durante os anos, sendo que em 2010 a média foi a maior e a maior amostra estudada, quase atingindo o 6. Assim podemos observar que o eleitor médio da amostra se identifica como moderado quanto à sua posição política.

Tabela 1 – Identificação Política Média, Tamanho da Amostra e Desvio Padrão por Ano

Ano	N	Id. Média	Desvio Padrão
2016	1405	5.086121	2.776399
2014	1255	5.514741	2.534212
2012	1261	5.335448	2.710811
2010	1861	5.839334	2.382391
2008	1143	5.839020	2.178220
2006	984	5.754065	2.356887

4. Metodologia

Nesta monografia, serão usadas as formas de análise do artigo de Matthew Gentzkow intitulado “*Polarization in 2016*”. Nesse artigo o autor utiliza 4 dados principais: Ideologia e Identificação política auto denominadas, padrões de voto, opiniões sobre políticas públicas e como os grupos veem um ao outro. Visto que os dados no Brasil são mais restritos que no Estados Unidos, nessa monografia iremos utilizar apenas a identificação política auto denominada e opiniões sobre políticas para observar as tendências de polarização. Esse artigo será utilizado como base, mudando alguns pontos que serão explicados melhor ao longo de cada medida.

Como no artigo, também iremos buscar evidências de polarização na forma que os brasileiros descrevem sua própria identificação política. Nesse caso esperamos que a polarização apareça quanto mais indivíduos da amostra se identificarem mais fortemente com uma ideologia política, entre a Esquerda e a Direita, e menos com uma posição moderada. Para isso iremos utilizar as respostas dos indivíduos a uma escala entre 1 e 10 onde 1 corresponde a “Esquerda” e 10 a “Direita”.

Para medir a identidade política será computada a proporção populacional na amostra, entre os anos de 2006 e 2016, dos que se identificaram com os números da escala. Para simplificar os resultados e a análise os números 1 e 2 irão corresponder a identificação “Esquerda”, os números 3 e 4 corresponderão ao grupo “Centro esquerda”, os que escolheram 5 e 6 serão os “Moderados”, os números 7 e 8 serão os “Centro direita” e os indivíduos que se identificarem com os números 9 e 10 da escala pertencerão ao grupo “Direita”.

Assim, quanto menor for a proporção do grupo dos moderados ao longo do tempo, maior será a polarização. Caso ocorra, também iremos observar para que grupo os indivíduos moderados migraram e assim poderemos ver se a população também ficou mais extrema, ou apenas um pouco mais decidida sobre sua própria identificação política.

Além da identificação política auto denominada iremos observar as respostas dos indivíduos a perguntas de opinião pública quanto a assuntos específicos. Foram retiradas 4 perguntas principais dos 6 questionários do LAPOP para observarmos a polarização ideológica da população.

As perguntas escolhidas pediam para os indivíduos escolhessem o quanto eles concordavam ou discordavam de afirmativas em uma escala de opinião numérica em que os números dos extremos representavam “discordo muito” e “concordo muito”. Os temas abordados nessas perguntas foram (1) se o Estado deve combater a desigualdade do país com políticas públicas ou não, (2) se os homossexuais devem ou não poder se candidatar a cargos políticos, (3) se a democracia é sempre a melhor forma de governo e (4) se a estatização de empresas é ou não boa para o país.

A polarização será medida a partir da proporção dos indivíduos que adotaram as duas posições mais conservadoras da escala de opinião, e depois comparada entre grupos políticos (Esquerda e Direita). No caso dos temas mencionados acima temos que as posições mais conservadoras de (1) serão discordar muito ou discordar que o estado deva intervir e combater a desigualdade do país. No tema (2) as posições mais conservadoras serão discordar muito ou discordar que os homossexuais devam poder se eleger a cargos políticos. No tema (3) as posições mais conservadoras serão discordar muito ou discordar que a democracia será em todos os casos a melhor forma de governo. Por fim, em (4) as posições mais conservadoras serão as posições mais relacionada com a ideologia liberal, ou seja, discordar muito ou discordar que a estatização de empresas é benéfica para o país. Nesse último caso precisamos ter em vista que o liberalismo ideológico está relacionado a liberdade de expressão e o liberalismo político econômico a quanto o governo participa efetivamente da economia do país. Assim, no caso do tema (4) estamos levando em consideração o liberalismo político econômico.

A população se mostrará mais polarizada quanto maior for a diferença entre a porcentagem de indivíduos que tomaram as posições mais conservadoras do grupo da Esquerda e a porcentagem de pessoas que têm as mesmas opiniões, mas pertence a Direita. Para definir quem é da Esquerda e da Direita política, nessa segunda parte, foram utilizados os mesmos dados de identificação política auto denominada descritos anteriormente, porém a Esquerda é formada pelos indivíduos que escolheram entre 1 e 5 da escala política e os indivíduos da Direita são os que escolheram os números restantes, entre 6 e 10.

Os indivíduos que não responderam ou responderam que não sabiam em que posição da escala de opinião se encontravam foram computados juntamente aos que não tomaram as

posições mais conservadoras naquele tema.

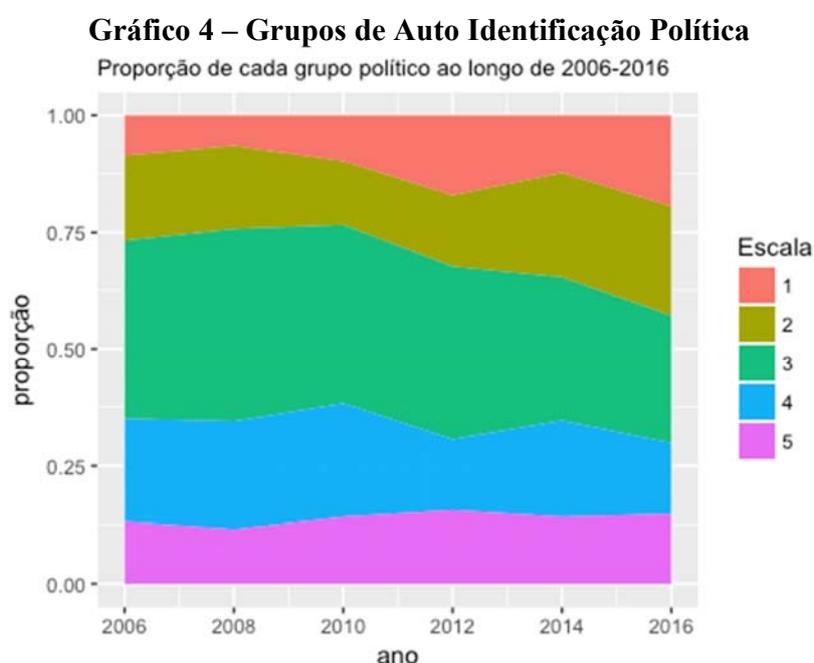
Para cada uma das proporções foi computado o erro padrão para medir se a proporção é significativa dentro da população de cada um dos grupos políticos.

5. Resultados

As conclusões serão divididas em duas partes que representarão as duas formas que as tendências de polarização foram medidas, descritas na secção anterior dessa monografia. Primeiramente iremos analisá-las através do auto identificação política feita a partir da escala de ideologia política. Na subsecção seguinte iremos observar como os grupos de Esquerda e Direita divergem ou não quanto as suas opiniões sobre assuntos polêmicos do âmbito político.

5.1 Auto Identificação Política

No Gráfico 4 temos as proporções de indivíduos por grupos de identificação política-ideológica. Para nossos fins a escala de 1-10 foi simplificada para uma escala de 1-5, e reorganizada como descrito na metodologia. Na escala o número 1 representará a “Esquerda”, 2 representará o grupo “Centro-Esquerda”, 3 representará o grupo “Moderado”, 4 será o grupo “Centro-Direita” e, por fim, 5 mostrará o grupo “Direita”.



O fator que nos chama atenção imediatamente é a região do grupo dos moderados ser a maior região dentre as 5 computadas no gráfico, e que essa característica não muda durante os anos estudados. Porém é perceptível que houve uma variação entre a área deste grupo em

2006 e 2016, dez anos depois, que mostra uma redução da proporção de pessoas que se identificaram com essa identificação política, mesmo que continue agregando a maioria dos brasileiros.

Além disso, o grupo que parece que sofreu a maior variação em proporção foi a Esquerda, que em 2006 representava menos de 12,5% dos indivíduos e passou a representar quase 20% da amostra de 2016.

A variação da proporção de indivíduos que escolheram a identificação “Direita” foi bem pequena e, pela tabela, aparenta que permaneceu estável ao longo dos 10 anos estudados. O grupo de Centro-Direita parece que teve um pouco de sua proporção reduzida, mas não foi direcionado para o grupo da Direita, ou seja, não representou indivíduos se tornando mais confiantes sobre suas posições extremas de direita.

O que o gráfico nos mostra sobre os grupos de Esquerda e Centro-Esquerda é que as duas áreas parecem ter aumentado ao longo do tempo, a primeira mais do que a segunda. Porém, parece visualmente que os indivíduos do grupo dos Moderados e poucos do grupo de Centro-Direita teriam migrado parte para o grupo de Centro-Esquerda e parte para o grupo da Esquerda.

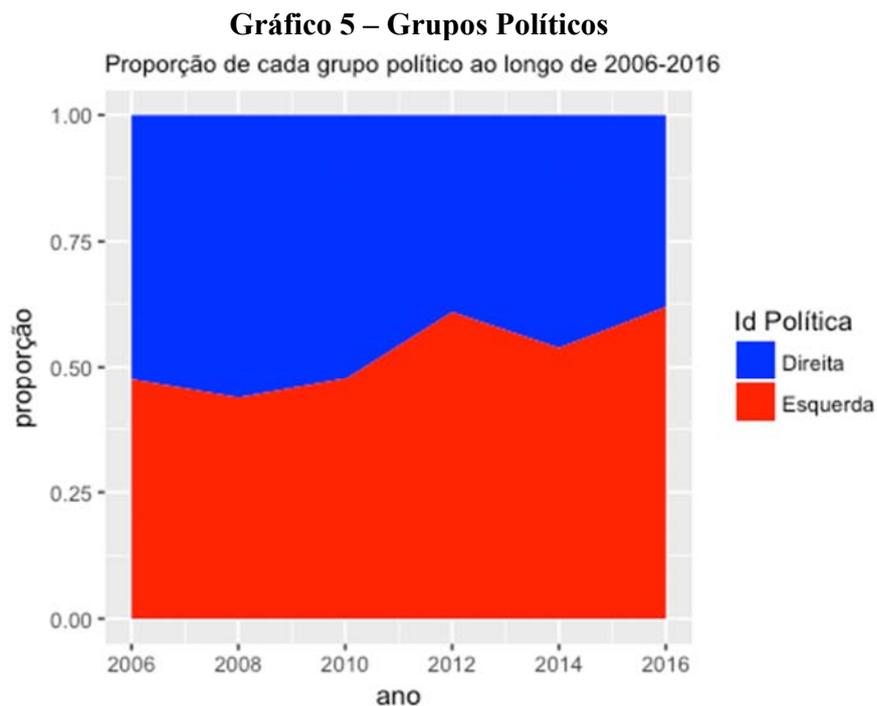
O conceito de polarização que estamos levando em consideração nessa monografia é que uma sociedade é mais polarizada quanto mais apresentar heterogeneidade entre grupos e homogeneidade intra grupos. De acordo com essa definição podemos ver que ao longo do tempo a sociedade brasileira se tornou mais polarizada uma vez que a região de moderação foi reduzida, ou seja, a sociedade é mais heterogênea em 2016/2017 do que era dez anos atrás. Quanto a homogeneidade intra grupos, fica difícil estabelecer um efeito líquido apenas observando a variação dos grupos Centro-Esquerda e Centro-Direita. O que se esperaria de uma realidade mais polarizada nesse caso seria a redução das proporções desses dois grupos em direção aos extremos. Porém é difícil afirmar que a migração ocorreu dessa forma já houve a redução do grupo dos Moderados ao mesmo tempo.

Portanto, de acordo com as auto identificações políticas fornecidas ao longo dos 10 anos estudados, a sociedade brasileira se encontra menos moderada e mais polarizada, devido ao

aumento da heterogeneidade entre grupos, impulsionada pelo aumento do grupo da Esquerda.

5.2 Diferença de opiniões entre grupos

Nessa secção iremos buscar observar se a população brasileira se encontra polarizada quanto a assuntos polêmicos do âmbito político econômico. As perguntas escolhidas buscaram captar se os grupos, que agora estão dividindo os indivíduos em apenas Direita e Esquerda, vão polarizando suas posições ao longo do tempo. Caso isso ocorra de fato, será possível observarmos na tabela que as proporções dos indivíduos que tomaram as posições mais conservadoras dos dois grupos se diferenciariam mais, se afastando, ao longo dos anos. O Gráfico 5 foi feito a partir da distribuição dos grupos de Esquerda e Direita (agora em um sistema bimodal) ao longo dos anos, para um primeiro reconhecimento dos dados utilizados nessa parte.

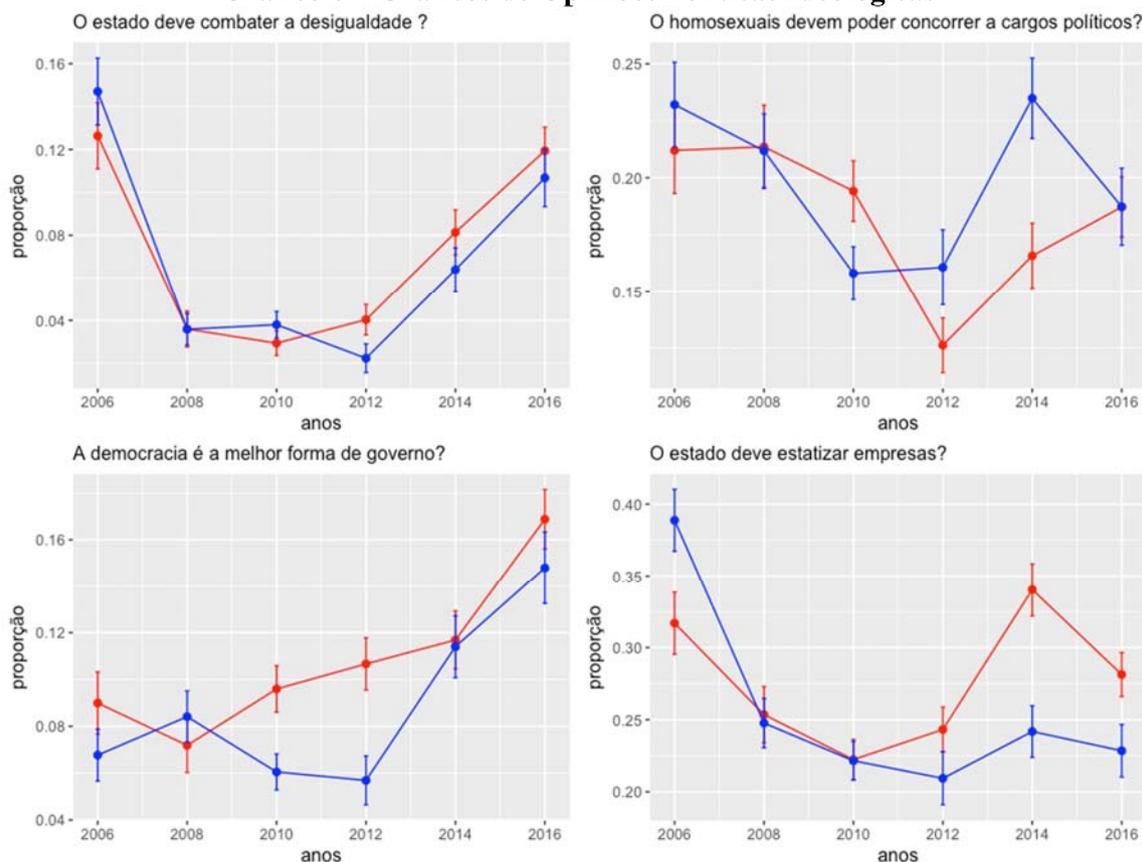


Ao observarmos o Gráfico 6 temos 4 sub gráficos que correspondem as 4 perguntas, com linhas vermelhas representativas do grupo da Esquerda, linhas azuis representativas do grupo Direita e as barras de erro, que nos mostram o erro padrão associado a cada proporção.

A primeira pergunta busca ver qual é a opinião dos grupos quanto ao papel do estado

como responsável pela redução da desigualdade social no país. Primeiramente, vemos que as proporções dos mais conservadores são similares para os grupos durante todos os anos estudados. A distância máxima entre essas proporções está próxima de 2%. Nesse caso, portanto, não parece que haja muita divergência de opiniões entre grupos visto que as proporções andam próximas ao longo dos anos.

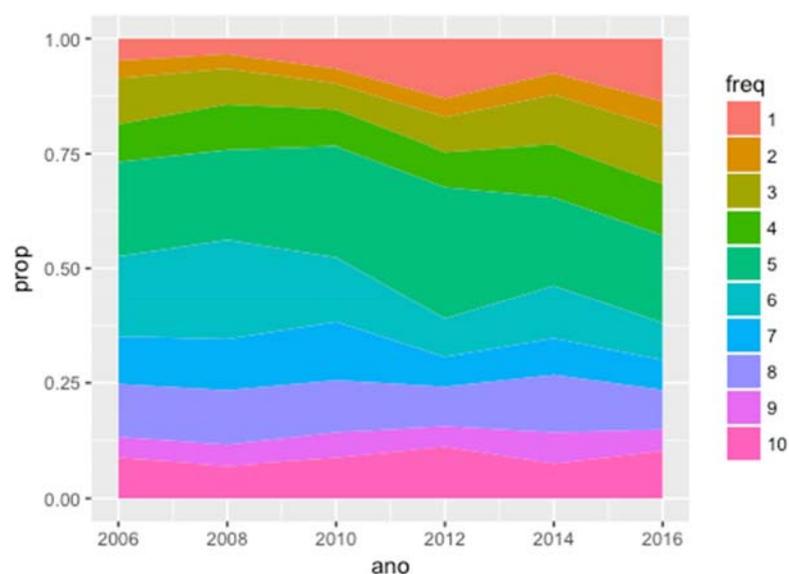
Gráfico 6 – Gráficos de Opiniões Políticas Ideológicas



No entanto, há uma diferença entre qual dos grupos que tem uma porcentagem conservadora maior no assunto em 2006 e 2016, no primeiro ano era o grupo de Direita que parecia apresentar ideais mais conservadores sobre o tema, enquanto no ano final, foi o grupo da Esquerda, que permaneceu nessa posição entre 2012 e 2016. Visto o que foi observado, parece haver uma divergência do senso comum de que o grupo da Esquerda tem um caráter mais conectado ao apoio de políticas redistributivas, o que não é evidenciado no gráfico. Porém, devemos lembrar aqui que há muitos Moderados e de Centro-Esquerda computados como Esquerda, que podem ser a razão para essa diferença entre proporções que chega a ser,

no máximo, de 2%. Esse fato está evidenciado no Gráfico 7.

Gráfico 7 – Frequência de Escala Política Esquerda (1) – Direita (10)



Outro fator interessante a ser mencionado é que ambos os grupos passaram a apoiar mais o estado ser ativo no combate da desigualdade social após 2006, passando da banda de 12%-14%, aproximadamente, para a banda entre 2%-4% de indivíduos mais conservadores. A proporção dos que discordavam com o governo ativo (posição conservadora) só voltou a ser crescente a partir de 2012, fato que pode estar relacionado com o cenário político econômico do país que começou a enfrentar dificuldades, afetando o apoio as práticas do governo vigente.

No segundo sub gráfico, à direita do primeiro, é abordado o tema do apoio a homossexuais terem a possibilidade de concorrerem a cargos políticos. Diferente do primeiro gráfico, esse apresenta variações mais drásticas na proporção dos indivíduos que discordaram em cada grupo.

A maior diferença entre proporções, ou seja, o momento que a população se encontrou mais polarizada quanto ao assunto foi no ano de 2014. Neste ano o grupo da Direita apresentou, aproximadamente, 8% a mais de indivíduos que discordaram que o grupo da Esquerda. Porém, no ano-rodada seguinte, ambos apresentaram uma proporção semelhante,

mostrando que aproximadamente 18% de ambos os grupos discordavam que os homossexuais deveriam ser permitidos a concorrer à cargos políticos.

De forma geral podemos observar que o grupo da Esquerda só apresentou uma proporção maior de indivíduos que discordavam com a pergunta no ano de 2010, nos outros anos o grupo da Direita ou apresentou uma proporção semelhante, ou mais indivíduos tomaram a posição conservadora. Assim, os anos de 2012 e 2014 apresentaram um certo grau de polarização ideológica, que desapareceu gradualmente no ano-rodada seguinte. Além disso, um outro fator evidente desse gráfico é a volatilidade dos resultados, que pode ser consequência de uma amostra restrita.

O terceiro sub gráfico da tabela aborda o quanto os indivíduos concordam ou discordam da ideia de que a democracia é a melhor forma de governo possível. Nos primeiros e nos últimos 2 anos-rodada o grupo da Esquerda e da Direita parecem apresentar mais coesão sobre a opinião quanto ao assunto. Nos anos de 2010 e 2012 porém a Esquerda parece escolher a posição mais conservadora bem mais vezes que a esquerda, o que primeiramente nos aparenta um resultado contra intuitivo. Entretanto, isso pode se dar a partir dos indivíduos moderados incluídos como grupo de Esquerda, que se associam menos aos ideais políticos ideológicos do grupo. Um fato que vale menção é que, independente de não aparecer uma polarização muito consistente ao longo dos anos, e quando está presente tem uma magnitude menor do que aparenta, a tendência mostra que os dois grupos passaram de um nível de desaprovação da democracia entre 7% e 9% em 2006 para 15%-17% em 2016.

Por último, temos o sub gráfico em que o assunto abordado é os indivíduos discordarem ou não se a estatização de empresas por parte do governo é benéfica para o país, onde a posição conservadora é a liberal a favor da privatização. O gráfico primeiramente causa um estranhamento devido ao fato de que a partir de 2012 o grupo de Esquerda passa a discordar mais com a estatização de empresas, apoio normalmente relacionado as ideologias do grupo político. Portanto, é interessante observar que, aparentemente, o liberalismo político-econômico passou a estar menos conectado ao fato do individuo se colocar como de Esquerda ou de Direita, ao longo do tempo. Outra explicação é a presença de muitos moderados no grupo da Esquerda que podem ter se desassociado cada vez mais com os ideais desse grupo ao longo do tempo.

Além disso, podemos observar que dentre os 4 sub gráficos esse último foi o que mostrou mais evidências de polarização ideológica. Mesmo com 2 dos 6 anos-rodada apresentando proporções semelhantes, o gráfico mostra uma divergência de opiniões presente a partir de 2012. Podemos pensar no contexto político dos anos analisados; entre 2010 e 2012 o governo Lula 2 tinha um apoio político ainda estável, porém a partir daí, o cenário político econômico passou a ser adverso quando a aprovação do governo (mostrado no Gráfico 1 da Introdução) e a Esquerda desapontada, pode ter mudado de posição quanto aos benefícios da privatização.

6. Conclusão

Este trabalho buscou analisar como os indivíduos da sociedade brasileira, dividida em grupos políticos (escala Esquerda-Direita) se auto associam a esses grupos e como os grupos no geral possuem opiniões divergentes, ou não, quanto a assuntos discutidos na esfera

política. Para isso usamos medidas de polarização e analisamos, tendo sua definição em vista, se a sociedade se encontra mais polarizada com os anos.

Com a análise gráfica da primeira medida de polarização (auto identificação política) foi encontrado evidências de que os indivíduos passaram a ser menos moderado desde 2006 e migraram principalmente para os grupos de Centro-Esquerda e Esquerda. Enquanto isso o grupo da Direita não teve grandes variações. Uma explicação possível seria o ambiente instável ter instigado que indivíduos do grupo dos Moderados tenham se associado mais a Esquerda apenas como uma forma de mostrar-se contra o processo de *impeachment*, a demonização do governo e da ex presidenta Dilma e, principalmente, contra o “time adversário” da Direita, e não porque possuíam ideais de extrema Esquerda.

Quanto a análise de perguntas buscando uma polarização político ideológica, foram encontradas poucas evidências de uma tendência persistente que tenha levado ou ao aumento da polarização. Em anos específicos foram encontradas significativas diferenças entre as proporções dos conservadores entre os grupos, porém, esses efeitos aparentemente foram reduzindo com o tempo principalmente nos 3 primeiros gráficos.

No gráfico que analisa as opiniões quanto a estatização de empresas, encontramos um cenário de polarização gradual com o tempo, mostrando a possibilidade de pessoas do grupo da Esquerda terem se desassociado com ideais reconhecidos e integrados ao grupo político ao longo do tempo. No entanto, este resultado pode não ser consistente uma vez que ao dividirmos a amostra entre apenas Esquerda e Direita o primeiro grupo abriga os indivíduos que selecionaram a identificação moderada 5, que é o maior grupo político do país e não está tão associado com os ideais comumente conhecidos da Esquerda. Eles podem constituir um grupo que se tornou mais conservador ao longo do tempo, resultando na proporção conservadora da Esquerda ultrapassando a proporção da Direita.

Portanto, houve uma polarização em certos aspectos e houve uma estabilidade de acordo com determinados pontos de vista. No entanto o que ficou claro foi que desde 2006 a sociedade passou ser menos a favor da democracia, mais liberal no sentido econômico político quanto a privatização de empresas e voltou a desacreditar que o governo deva ser ativo quanto às políticas de combate da desigualdade social, mas ao mesmo tempo o grupo da Esquerda foi o que mais cresceu. Esses fatos mostram que há uma possibilidade do conservadorismo, quanto a assuntos políticos específicos, ter se desassociado cada vez mais

dos ideais conhecidos pelo senso comum pertencentes exclusivamente a Esquerda e a Direita política. Outra possibilidade é o grupo dos Moderados, por mais que não se associem fortemente a nenhum extremo político, ter se tornado mais conservador com o tempo, mas não refletindo isso em sua própria identificação política, empurrando, principalmente a Esquerda (com os moderados mais a esquerda), para uma posição mais conservadora.

7. Referências

Aguilar, Arthur and Ferraz, Claudio; *“What Drives Social Unrest? Evidence from Brazil’s Protests.”* (2014)

Funke, Manuel, Moritz Schularick and Christoph Trebesch; *“Politics in the Slump: Polarization and Extremism after Financial Crises, 1870-2014”*(2015)

Mian, Atif, Amir Sufi and Francesco Trebbi; *“Resolving Debt Overhang: Political Constraints in the Aftermath of Financial Crises”* (2013)

King, David; *“Congress, Polarization, and Fidelity to the Median Voter “* (1997)

DiMaggio, Paul, John Evans, and Bethany Bryson; *“Have American's Social Attitudes Become More Polarized? American Journal of Sociology”*, Vol. 102, No. 3 (Nov., 1996), pp. 690-755.

Sunanda Roy, Sunanda, Kuan Chuen Wu and Abhijit Chandra; *“Uncovering the ”Will of the People”: Measuring Preference”* (2015)

Esteban, Joan-Maria and Debraj Ray; *“On the Measurement of Polarization”* *Econometrica*, Vol. 62, No. 4 (Jul., 1994), pp. 819-851

Page, Benjamin I. and Shapiro Robert Y.; *“The Rational Public: Fifty Years of Trends in American Policy Preferences”*. Chicago: University of Chicago Press, 1992.

Shapiro, Robert Y. and Yaeli Bloch-Elkon; *“Political Polarization and The Rational Public”* (2006)

Gentzkow,M. *“Polarization in 2016”*. (2016)

Abramowitz, Alan I. , and Kyle L. Saunders; . *“Is Polarization a Myth?”* *The Journal of Politics*, Vol. 70, No. 2 (Apr., 2008), pp. 542-555.

Fiorina, Morris P. , Samuel A. Abrams and Jeremy C. Pope ; *“Polarization in the American Public: Misconceptions and Misreading’s”* *The Journal of Politics*, Vol. 70, No. 2 (Apr., 2008), pp. 556-560

Fiorina, Morris P. , Samuel A. Abrams and Jeremy C. Pope; *“Culture War? The Myth of Polarized America”*

Baldassarri, Delia, and Peter Bearman; *“Dynamics of Political Polarization”* *American Sociological Review*, 2007, Vol. 72 (October:784–811).

Boxell, Levi, Matthew Gentzkow and Jesse M. Shapiro; *“Is the internet causing political polarization? Evidence from demographics”* (2017)

Prior, Markus; *“Media and Political Polarization”* *Annu. Rev. Polit. Sci.* 2013. 16:101–27

Gentzkow, Matthew, Jesse M. Shapiro and Matt Taddy; “*Measuring Polarization in High-Dimensional Data: Method and Application to Congressional Speech*”; Microsoft Research and Chicago Booth, (2016)